

# ATUAÇÃO ACADÊMICA NA REDE PÚBLICA DE ENSINO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ALMEIDA<sup>1</sup>, Cynthia Adriane de – UFPR  
[cynthia.almeida@gmail.com](mailto:cynthia.almeida@gmail.com)

Área Temática: Teoria, Metodologias e Práticas  
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

## Resumo

Esse presente artigo iniciou-se através da possibilidade de desenvolver um trabalho teórico-prático em escolas públicas da cidade a partir da disciplina ministrada no curso de Licenciatura em Educação Física da UFPR (Universidade Federal do Paraná), denominada Educação Física em Contextos Educativos II, onde tinha por objetivo observar e fazer intervenções nas aulas de Educação Física em contextos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Partindo dessa possibilidade de ter um acesso ao âmbito escolar, relato nesse trabalho a minha experiência em uma das instituições observadas para essa disciplina. No decorrer deste trabalho percebo e reflito em algumas problemáticas que foram ocorrendo durante as minhas observações na escola, como a relação de respeito e cooperação entre os/as aluno/as na sua convivência diária nas aulas. Esse foi o principal problema observado durante a minha atuação na escola. A partir desse encaminhamento metodológico planejei uma prática de acordo com os problemas levantados. Planejo uma aula de Dança de uma forma na qual as crianças tenham uma liberdade de criar a sua própria dança, sem nenhuma coreografia preparada para que a partir desta atividade os/as alunos/as tenham a oportunidade de respeitar o corpo do colega e principalmente obter uma relação corporal com cada um, objetivando também nessa prática, a cooperação entre as crianças. Finalizando, descrevo a maneira como as crianças receberam essa prática nas minhas intervenções em turmas de 1º e 2º ano da escola e nas considerações finais afirmo a importância de elaborar uma aula e também levantar problemas que possam subsidiar novas práticas tendo como principal fator o aprendizado do/a aluno/a e sobre como que foi para mim, acadêmica do 4º ano curso de Licenciatura em Educação Física, essa experiência no meu futuro ambiente de trabalho.

**Palavras-chave:** Escola; respeito; Práticas pedagógicas; Experiência docente.

## Introdução

“Naquele tempo eu até achava natural que as coisas fossem daquele jeito...” Ruth Rocha – Quando a escola é de vidro)

---

<sup>1</sup> Aluna de graduação do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Pensar em uma escola fora dessas metodologias que não oportunizaram o aluno a expressar uma liberdade era uma questão fora de cogitação para mim, ainda mais na Educação Física, como diz Taborda: “uma prática escolar calcada na força na superação constante de limites e obstáculos, na eliminação do outro, enfim, nas várias formas manifestas de dominação. E tem sido justificativa de manutenção de procedimentos incapazes de levar a cabo a formação humana em sua plenitude”. (2000, p. 12). Uma prática onde perceba uma relação na qual o/a professor/a como um indivíduo que transmite a sua prática e ainda está disposto a aprender com aquele que recebe o seu conhecimento na escola, como diz Ferré: “os outros não são outra coisa que aquilo que nós fizemos e vamos fazendo deles. Justamente isto é não outra coisa e o que nós somos: aquilo que os outros fizeram e estão fazendo de nós”. (LAROSA, 1998, p. 186).

O principal objetivo deste trabalho é obter um contato com a realidade da instituição pública no contexto escolar proposto na disciplina de Educação Física em Contextos Educativos II do curso de Licenciatura em Educação Física da UFPR para que a partir destas observações eu preparasse a minha prática de acordo com os problemas levantados nas escolas observadas.

Início esse presente trabalho descrevendo o meu contato com a escola escolhida, aonde eu observasse algumas aulas de Educação Física em turmas de Ensino Fundamental. A partir disto, utilizou-se como método investigativo os seguintes encaminhamentos: observação das aulas de educação física; observação do Projeto Político Pedagógico das escolas para ver se condiz às práticas ministradas com o referente documento escolar; em seguida foram levantados alguns problemas para que a partir disso as intervenções fossem planejadas; finalizando assim com algumas considerações finais a respeito desta minha experiência na escola.

### **A caminho da escola**

A escola observada é uma instituição da prefeitura (Educação Infantil e Ensino Fundamental), localizada no município de São José dos Pinhais - PR.

Não foi difícil o meu contato com a escola, devido eu ter estudado na mesma e também outros trabalhos anteriores a esse já foram feitos na instituição.

A escola possui uma estrutura ótima com quadras e pátio cobertos e um gramado. Devido ela se localizar em uma área central da cidade e em um bairro de classe média e de

fácil acesso à população, a maioria dos/das alunos/as que estudam nessa instituição moram no mesmo bairro.

Ao entrar em contato com a escola iniciei minhas observações nas seguintes turmas: todos os 1º e 2º anos.

De acordo com a disciplina Educação Física em Contextos Educativos II, a idéia era realizar três observações para que depois também fizesse três intervenções nessas turmas observadas.

Primeiramente a professora da escola, sempre iniciava uma brincadeira de aquecimento que consistia em um pega-pega que fundamentava o esporte futuramente às crianças. Bracht *apud* Vago (1996) afirma que “o esporte é legitimado pela sociedade e é exatamente isso que garantiria a legitimidade para o ensino da Educação Física na escola: ensinar o esporte” (p.5). A maioria das aulas ministradas tinha conteúdos referentes à prática do Caçador<sup>2</sup>. A professora comentava que alguns alunos sabiam jogar, porém outros tiveram acesso ano passado onde ela iniciou os fundamentos de lançamento da bola.

“A Educação Física não pode ser apenas para os mais habilidosos que se identificam ou têm certa experiência em determinada habilidade. O esporte competitivo pode ser seletivo e excluir alguns, mas o desporto escolar tem de oferecer uma possibilidade de vivência a todos”. (SANTOS e MATOS, 2004, p. 50).

Na aula do Caçador ela permitiu que eu a ajudasse, explicando as regras do Caçador às crianças.

A partir disso, fui vendo a dificuldade que alguns alunos tinham em ficar na base, e em perder a partida. Isso ocorreu em todas as quatro aulas observadas no dia. De acordo com a turma, alguns tinham mais compreensão em saber perder e ganhar, mas outros queriam justificar os seus erros discutindo com outro colega.

As crianças não queriam ficar na “base”, paradas, sem ação, elas queriam estar dentro da quadra jogando. Foi quando surgiu a minha primeira mediação na turma.

---

<sup>2</sup> Caçador: também chamado de “Queimada” uma brincadeira que consiste em dois grupos em uma quadra separada ao meio onde cada grupo deverá acertar o adversário com a bola e o outro grupo deverá fugir desse ataque ou tentar pegar a bola para atacar o seu grupo adversário. O indivíduo que fosse acertado com a bola ia direto para a base, que se localiza do lado oposto à quadra do grupo na qual o mesmo participava.

No momento inventei uma outra regra na qual apenas um jogador ficaria na base e a partir do momento que o outro do seu grupo fosse atingido pela bola e tivesse que seguir para base, o aluno que estava na base voltava para dentro da quadra.

“Respeitar e utilizar o conhecimento adquirido pelos alunos já é uma grande estratégia de intervenção, e tentar fazer os alunos participarem do processo de concepção de sua aprendizagem pode ser um caminho para dar à Educação Física uma contextualização muito mais evidente” (SANTOS e MATOS, 2004, p. 51).

Quando coloquei esta regra, nenhum dos grupos perdia, apenas atingia o outro grupo, mas eles acabavam voltando para dentro da quadra, facilitando assim, a participação deles na atividade.

Em algumas observações nas turmas de 1º ano a professora sempre iniciava explicando um pouco sobre o corpo humano antes de ir para a quadra. Ela explicava quais os alimentos que fazem bem para o organismo, para onde os alimentos vão depois que ingerimos. A partir daí ela relacionou com a atividade física.

Os alunos eram muito participativos e respondiam todas as perguntas. Na hora em que a professora explicava a atividade, os alunos pediram para eu brincar com eles.

A partir das outras observações, vi a minha relação com as crianças. Elas são muito carinhosas e sempre queriam chamar a sua atenção.

### **O Projeto Político Pedagógico**

Em conjunto com essas observações, teria que ter acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola para verificar se o que encontra nesse documento escolar, condiz com a prática pedagógica da professora de Educação Física.

De acordo com a pedagoga da escola, o PPP é disponível e os professores seguem a proposta imposta pelo documento. Ela ainda comenta que constantemente são feitas reuniões com a diretora, a pedagoga e com os professores da escola para discutirem suas dificuldades ou não em relação ao PPP. Ela também relata que cada professor tem um dia na escola de permanência para preparar a sua aula de acordo com a proposta feita.

A construção do PPP foi elaborada por professores de educação física em conjunto com os pedagogos das escolas e com a Secretaria de Educação de São José dos Pinhais - PR.

O documento possui uma forma de aulas de Educação Física a partir de atividades lúdicas fora do foco de competições. As aulas são de músicas, jogos cooperativos, dança, etc.

A escola possui uma concepção Progressista. As aulas de Educação Física a partir da visão da professora de educação física e da pedagoga consistem no desenvolvimento do corporal do aluno, porém, não visando os esportes, apesar de existir na quadra esportiva cestas de basquetes apropriadas de acordo com o tamanho da criança e bolas de futebol, vôlei e basquete.

Nesse momento a professora comentou que vivencia os esportes, a competição com os alunos, mas não enfatiza esse aspecto.

De acordo com o documento da escola a fala da pedagoga não condiz com as práticas da professora de Educação Física, porque sempre em suas atividades ela esportiviza algumas vivências e também visa competições entre os alunos.

A pedagoga ainda menciona que a Secretaria de Educação de São José dos Pinhais faz oficinas de aperfeiçoamento para os professores e a partir destas oficinas são elaborados materiais didáticos contendo os conteúdos apresentados em cada bimestre da escola e as suas formas de avaliação.

A forma de avaliação das aulas de educação física não é o desempenho do aluno na aula e sim a maneira de como esse professor passou o conteúdo proposto por ele. A avaliação dos alunos consiste na avaliação do próprio professor.

Esse relato da pedagoga me fez citar Venâncio que afirma:

“Uma pessoa não pode ser humana sozinha. Do mesmo modo, uma pessoa não pode ser competente sozinha. A qualidade do seu trabalho não depende apenas dela – defini-se na relação com os outros” (VENÂNCIO, 2002, p. 125).

### **Problemáticas levantadas**

Observei alguns problemas que apareceram no decorrer das minhas observações e, conseqüentemente, com o meu relacionamento com as turmas.

O primeiro problema foi uma aluna do primeiro ano. No momento da atividade ela fazia com bastante vontade e empolgação, porém de repente ela se afastava dos outros alunos e sentava na escada sozinha. A professora comentou comigo que a criança tem um encaminhamento médico, diagnosticando que ela é uma criança “Hiperativa”. A pedagoga e

alguns professores da escola discutiam entre si e tentavam ver o que a menina tinha. Elas “achavam” que ela era “Autista”. Confesso que pensei muito nesta situação. Pensei no modo de criação, às vezes a própria escola e seus colegas fazem com que ela se comporte assim. Lembrei que na aula a professora a chamou na frente da turma para explicar uma atividade, porém ela executou o movimento errado e todos os colegas riram dela e a professora também. Isso pode ser o principal problema. A criança também está sendo rotulada pela escola. Ferre indaga:

“Porque pensar o outro sem senti-lo, digo-me, seria antes pensar o outro como o outro, como o outro que são as coisas para mim. Mas, acaso posso pensar o outro sem senti-lo?” (FERRÉ, 1998, p. 180).

Outro problema é com um menino de oito anos, da segunda série. A necessidade que ele tem de ter amigos. O seu comportamento faz com que ele não conquiste muitas amizades. Esse menino é um pouco agressivo, tanto com os meninos quanto com as meninas. Mas, ele é muito carente. Os outros meninos o chamam de “bichinha”, “gay” e detestam estar perto dele. Com as minhas observações na escola, vi que ele gostava da minha companhia e não queria se afastar de mim, não permitindo que outros alunos se aproximassem de mim. Fui vendo que este problema estava se tornando sério, fazendo com que ele deixasse de fazer as atividades propostas pela professora para ficar sentado comigo no momento da minha observação.

Na minha última observação, tive que intervir nesse comportamento, tentando ensinar a ele a pedir desculpas para os outros colegas, ensinei a ele que eu preciso dar atenção às outras crianças e não somente a ele.

De acordo com as aulas observadas, surgiu a principal problemática na qual engloba a maioria dos problemas levantados nas aulas de Educação Física: “Como é a relação de respeito e cooperação quando se trata de aluno/a-aluno/a nas aulas de Educação Física?”.

### **Qual prática a se pensar, professora?**

Tentei pensar em uma intervenção na qual não houvesse nenhuma discriminação em relação ao/a aluno/a menos habilidoso/as e que todos os/as alunos/as tivessem uma oportunidade de participarem das aulas independentemente se eles/as possui uma experiência na prática ou não.

“Não basta o conhecimento dos alunos. O professor deve estar consciente de seu papel de auxiliador, da inserção de desafios intelectuais condizentes com a realidade dos alunos para que esse conhecimento seja compreendido e não memorizado”. (RANGEL, 2002, p 52).

Porém não foi nada fácil pensar em uma prática pedagógica onde os alunos não necessitem apenas fazer a prática por fazer e sim que eles entendam o objetivo da intervenção.

“O problema é que nossa intervenção extrapola a natureza. Quando falamos em prática pedagógica, falamos sempre num ideal de ser humano. E este não pode ser deduzido da natureza, (...) Espera-se da teoria que ela seja coerente, lógica, preveja o comportamento das coisas. A prática por sua vez, é repleta de ambigüidades, motivações não-rationais, possui um alto grau de caoticidade, embora também encerre elementos lógicos-rationais e previsíveis”. (BRACHT, 2002, p. 13).

Adorno (1995) afirma que os professores/as continuam considerando a competitividade como um instrumento para aumentar a eficiência. O que na maioria das vezes prejudica suas atividades nas aulas, pois muitos ainda não têm noção de perder e ganhar. Antunes (2008) afirma que: “Quando a competição está presente no processo de aprendizagem, percebe-se a diminuição da auto-estima e o aumento do medo de falhar, reduzindo a expressão de capacidades e o desenvolvimento da criança. A competição promove a comparação entre as pessoas e acaba por favorecer a exclusão baseada em poucos critérios. Um ambiente competitivo aumenta a tensão e a frustração e pode desencadear comportamentos agressivos”.

Competitividade. Um assunto tão difícil de trabalhar. Principalmente quando a mídia, os Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, bombardeiam diariamente com milhares de imagens. Mas também é preciso considerar que muitas dessas informações possuem apenas a forma do espetáculo e do entretenimento, distante de preocupações educativas formais. Porém o professor: “pela sua experiência e sabedoria, deve exercer um papel de mediador entre as mídias e os alunos. Não pode, portanto, ter uma posição de negação ou preconceito com relação a elas; pelo contrário, deve possuir uma atitude de presença e não de distância no mundo das mídias, mas sem abrir mão da exigência de qualidade, recusando o que é muito superficial ou manipulador”. (Betti, 2001, p. 126).

## **A Prática**

Pensei na possibilidade de trabalhar a Dança de uma forma na qual as crianças tenham uma liberdade de criar a sua própria dança, sem nenhuma coreografia preparada. Pensei nessa prática, pois seria um grande desafio pra mim. Pois não tenho contato com essa prática corporal, porém vi que nesse momento seria uma oportunidade de conhecer essa prática e quebrar alguns conceitos e pré-conceitos que eu tinha a respeito da Dança no âmbito escolar. Propus duas atividades denominadas: “Conheça melhor seu colega” e “Você inventa sua dança”.

A primeira atividade, os/as alunos/as teriam que ficar espalhados na quadra. Nesse momento eu colocava uma música e eles teriam que andar, correr, dançar, fazendo qualquer movimento. A partir do momento em que eu parasse a música eles teriam que cumprimentar o colega da frente, do lado, de trás, com a mão. Logo em seguida, eu modificava o cumprimento com os pés, com o joelho, com a orelha, com as costas, com a cabeça, com o cotovelo e com os ombros.

A partir desta atividade os/as alunos/as têm a oportunidade de respeitar o corpo do colega e principalmente obter uma relação corporal com cada um através de algo muito simples como cumprimentar uma pessoa com um aperto de mão.

A segunda atividade iniciava-se em roda todos/as os/as alunos/as deveriam dançar de qualquer maneira no momento em que a música estivesse tocando. A partir daí, eu escolheria um/a aluno/a, na qual ele teria que ir ao centro da roda e fazer um movimento qualquer e todos nós teríamos que imitá-lo.

Essa atividade oportuniza a criatividade de cada aluno/a. Facilitando o método de ensinar a dança a partir da perspectiva de que qualquer movimento que a criança execute, vire dança e não apenas criar uma coreografia e ensiná-la sem nenhuma regra.

## **Intervenção**

Na minha intervenção tive a oportunidade de dar aula para todas as turmas de 1º e 2º ano na escola, o que foi essencial para essa avaliação, pois eu observei cada uma delas e nada melhor do que fazer uma intervenção com as turmas na qual eu tive contato.



Primeiramente, não tive muitas dificuldades em me aproximar das turmas. Nas minhas observações eles/as tiveram uma grande afinidade comigo o que facilitou esse contato e, conseqüentemente, a minha prática.

Porém tive um pouco de dificuldade com alguns meninos, pois eles não tinham experiências nessa prática corporal. Alguns meninos gostavam de “Hip Hop” e não tiveram nenhuma dificuldade nas atividades.

O principal problema nessas minhas intervenções foi o tempo. Quando preparei minhas aulas, não tive noção da quantidade de tempo que eu teria para fazer essa prática, o que eu senti muita dificuldade em ministrar o tempo conforme a troca de alunos para fazer as aulas de educação física.

Outro problema que vi na maioria dos alunos/as, foi a timidez. Muitos deles/as não queriam dançar na frente dos colegas, dificultando a minha segunda prática. Nesse momento, tentava incentivá-los dançando com eles/as muitas vezes.

A parte mais produtiva da aula foi a participação de cada um/a deles/as e o que mais me chamou a atenção foi no decorrer da primeira atividade, eles/as realmente obtiveram um contato corporal, na qual eu sempre enfatizava o respeito do corpo do outro e a relação entre as crianças.

### **Considerações Finais**

Muitos professores ao se depararem com estagiários/as de algum curso de licenciatura na escola, pensam automaticamente que o/a acadêmico/a não tem experiência para discutir tais problemas que ocorrem no âmbito escolar. Os/as acadêmicos/as não tem a vivência diária como eles/as, profissionais da educação, e que somente eles/as conhecer a verdadeira forma de atuar como docente na rede pública de ensino.

Eu ouço esse discurso de pedagogos/as e professores/as muitas vezes no decorrer das minhas experiências na escola e a cada dia mais acredito que alguns de nós, acadêmicos/as, estamos nos tornando professores/as com sensibilidade e, principalmente, exigentes, críticos na sua prática pedagógica:

“A formação não se constrói por acumulação (cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência”. (FREIRE, 1996, p. 14).

Durante todo esse processo, pude entender que é fundamental elaborar uma aula e também levantar problemas que possam subsidiar novas práticas tendo como principal fator o aprendizado do/a aluno/a.

A prática pedagógica começa muito antes do momento propriamente dito da aula e não cessa com o fim desta, mas vai além, no que poderíamos chamar de um processo contínuo que se complementa cotidianamente, mas não se completa, pois não é finito, e sim passível de reconstrução e reelaboração (CAPARRÓZ, 2001, p. 201).

Segundo Dickel (1998) a docência exige do professor conhecimentos, sensibilidades e capacidades de reflexão e dedicação profissional. Aprendi que é necessário um preparo das aulas, estudar o assunto e objetivar cada prática. Tentar ensinar aos alunos que a educação física proporciona diversas coisas e que todas as atividades ministradas poderão auxiliá-los na sua caminhada escolar e conseqüentemente auxiliará nas escolhas que cada um fará futuramente.

Os pontos positivos que levo destas minhas experiências na escola são oportunizar a criatividade do educando, fazendo com que ele também expresse suas experiências corporais, enfatizando sempre o respeito ao outro. Outro ponto positivo que observei nas aulas seria a maneira como valorizam a prática desportiva.

“Não podemos negar a existência do esporte dentro dos conteúdos da Educação Física Escolar, entretanto não podemos deixar acontecer a exacerbação de seu viés competitivo e técnico, fazendo com que a função do esporte na escola se limite apenas a treinar em detrimento do educar”. (ALVES, 2007, p. 6).

Não sou contrária a prática de esporte e sim tentar reproduzir essa prática a partir de uma proposta na qual oportunizem os mais habilidosos ou não. Assim como diz Bracht *apud* Medeiros (2007): “possibilitar a tematização do esporte na escola quando se atribui um significado menos central ao rendimento e à competição, e procura permitir aos educandos

vivenciar também formas da prática esportiva que privilegiem antes o rendimento possível e a cooperação. (p. 194).

Entender que existem diferentes personalidades, criações, formas de ver o mundo, ou seja, “considerar todos e cada um dos seres como um indivíduo com uma história, uma identidade e uma constituição afetivo-emocional concretas”. (FERRÉ, p. 181).

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação – Para quê?** In: ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1995.

ALVES, Rodrigo Landim. **O Jogo na Educação Física Escolar: Atribuição dada pelo professor**. Monografia de Pós- graduação em Fundamentos da Educação Física Escolar, Esporte e Lazer. Centro Universitário Volta Redonda. Rio de Janeiro: 2007.

ANTUNES, Celso. **Benefícios para os Educandos**. In: Revista Jogos Cooperativos: 2008.

BRACHT, Valter. **Pesquisa (ação) e prática em educação física**. In: Coleção Cotidiano Escolar: a Educação Física no ensino fundamental (5ª a 8ª série). Vol. 1, n. 1, Natal, RN: Paldéia, UFRN; Brasília: Ministério de Educação, 2005.

CAPARRÓZ, Francisco Eduardo. **Discurso e prática pedagógica: elementos para refletir sobre a complexa teia que envolve a educação física na dinâmica escolar**. In: idem. Educação Física Escolar: Política, Investigação e intervenção. Vitória: Proteoria, 2001, p.193-214.

DICKEL, A. **Que sentido há em se falar em professor pesquisador no contexto atual?** Contribuições para o debate In: GERALDI, C.M. G; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E.M. de A. (Org.) Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado de Letras – Associação de Leitura no Brasil (ALB), 1998, p. 33-71 (Coleção Leituras no Brasil).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Coleção Leitura, Paz e Terra, São Paulo: 1996.

LAROSSA, Jorge. **Imagens do outro**. Ed. Petrópolis: 1998.

MEDEIROS, Francisco Emílio de. **O Futebol de seis “quadrados” nas aulas de Educação Física: uma experiência de ensino com princípios didáticos da abordagem crítico-emancipatória**. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 8 n.2, p. 191-209, Campinas: 2007.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **Educação Física Escolar: formação ou pseudoformação?** In: Revista Educar, n. 16, p. 11-16, Editora UFPR, Curitiba: 2000.

RANGEL P. A. **Construtivismo apontando falsas verdades**. 1. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SANTOS, Rubens Siqueira dos; MATOS, Tânia Cristina Santos. **A relação entre tendência e prática pedagógica dos professores de Educação Física de 3º e 4º ciclo do Ensino Fundamental.** In: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, ano 3, n. 3, São Paulo: 20047.

VAGO, Tarcísio Mauro. **O Esporte “na” escola e o Esporte “da” escola: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht.** In: Revista Movimento, ano 3, n. 4: 1996.

VAZ, Alexandre Fernandes; SAYÃO, Deborah Thomé; PINTO, Fábio Machado. **Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a Prática de Ensino de Educação Física.** Universidade Federal de Santa Catarina, editora da UFCS. Florianópolis: 2002.

VENÂNCIO, Luciana. **Projeto Político Pedagógico e a educação física escolar: uma prática pedagógica possível.** In: Coleção Cotidiano Escolar: a Educação Física no ensino fundamental (5ª a 8ª série). Vol. 1, n. 1, Natal, RN: Paldéia, UFRN; Brasília: Ministério de Educação, 2005.